

A POSIÇÃO POLÍTICA DE CASIMIRO DE ABREU

Dante Tringali *

REV. LET./219

TRINGALI, Dante — A posição política de Casimiro de Abreu. **Rev. Let.** São Paulo, 20:9-20, 1980.

RESUMO: O artigo se propõe uma análise (mais imanente que genética, mais jurídica que sociológica) da projeção do Estado na obra de Casimiro de Abreu. É um estudo de literatura nacional e, enquanto nacional, é um valor político. O objeto da política é o Estado em toda sua extensão. Assim em relação ao governo, ele estigmatiza severamente a administração pública, a despeito da homenagem que presta à família real. Não aceita o conceito fechado, étnico de nação, mas sim, aceita o conceito aberto em que nação é igual a povo sem distinção de raça, classe... O território é o elemento dominante da sua obra. De território deriva o conceito de pátria, do conceito de pátria deriva o conceito de exílio e nostalgia. Não há pois nacionalismo no sentido forte da palavra em sua obra, mas civismo e sobretudo patriotismo onde pátria tem o sentido arquétipo de terra dos pais. A pátria se torna, por conseguinte, uma isotopia de leitura que estrutura sua obra aparentemente apenas lírica e chorosa.

UNITERMOS: Política; Estado; Governo; povo; território; Pátria; exílio; nostalgia; amor; poesia.

Entendo, por política, a teoria e prática do Estado e por Estado, entendo, num sentido amplo, um todo integrado por um povo, num território, sob a chefia de um governo, dotado de relativa soberania enquanto todo, em outros termos é um povo juridicamente organizado a fim de realizar seu objetivo político: a justiça. Num sentido restrito, o Estado abrange apenas o governo. Donde resulta igualmente um sentimento amplo e restrito de política.

Aqui nos interessa mostrar o reflexo, a projeção da sombra do Estado, em to-

da sua extensão, na poética de Casimiro de Abreu. E por que precisamente o meigo Casimiro de Abreu? A questão se põe, independente de qualquer razão particular, porque é um poeta romântico e o romantismo é nacionalista, no romantismo se forjou o conceito moderno de nação, mas a questão se impõe porque sobre ele paira o juízo crítico de um Paulo Prado que faz dele uma das únicas manifestações da poesia "Pau-Brasil", e de um Plínio Salgado que faz dele um dos santos do "verde-amarelismo". No dizer do primeiro, Casimiro e Catulo, poetas desprezados: "foram os dois

* Professor Titular de Teoria da Literatura do Departamento de Literatura do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — Campus de Araraquara, UNESP.

únicos intérpretes do ritmo profundo e íntimo da Raça ..." (Prado 10, p. 59-63) Na perspectiva do segundo, Casimiro foi: "a expressão da delicadeza da alma patrícia" (Salgado 11, p.286). Sem dúvida que haveria outros poetas mais fáceis dentro do romantismo, como Gonçalves Dias, "o profeta da raça" e Varella, "o mais brasileiro de nossos poetas" ... (Salgado 11, p.286).

Vamos, numa análise mais imanente que genética, mais jurídica que sociológica, verificar a presença de valores políticos na obra de Casimiro de Abreu, usando como categoria crítica fundamental, "o instinto de nacionalidade", proposto por Machado de Assis (Assis 4, p. 129-149).

Na verdade o que aqui se faz nada mais é que um exercício de literatura nacional, tomada no seu sentido rigoroso, de literatura política, pois, se literatura nacional se desdobra em literatura da nação e se nação significa ora o povo de um Estado, ora, por sinédoque, o próprio Estado, ora mas especificamente um grupo étnico fechado, segue-se daí que, em qualquer dessas três acepções, nação implica sempre num valor político. Advirta-se, contudo, que não vem a propósito agora discutir se a literatura é essencialmente ou acidentalmente nacional.

I — CASIMIRO E O GOVERNO

O governo não se reduz, como indevidamente se faz na linguagem corrente, apenas ao executivo; além do executivo compreende o legislativo e o judiciário, sendo que, no Império, o Brasil contava um quarto poder, o poder moderador. Ao Imperador cabia o poder moderador e a chefia do executivo; o

legislativo atribuído a deputados e senadores eleitos indiretamente, sendo que os últimos eram vitalícios; o judiciário ainda se regia pelas ordenações do Reino ...

Três poemas constituem o corpus de discussão dessa instância política do Estado: Minha Terra, Sete de Setembro, A Faustino Xavier de No vais (Abreu 1).

No seu poema Sete de Setembro, escrito 36 anos depois da Independência, ele saúda o linhagem real, a monarquia hereditária brasileira. Aí, chama a D. Pedro I de "Marte do Brasil". Marte é o deus romano da guerra e o grito do Ipiranga, foi um grito de independência e um grito de guerra e Casimiro testemunha que, quando nasceu, 1839, já não se ouvia mais os ecos desse brado. Como se explica, no entanto, a alusão mitológica? O romantismo latino condenava tal uso. Por que compara D. Pedro I ao deus Marte? É que pretende fazer dele uma figura lendária, heróica, romanesca. Repare-se nos termos com que o descreve, atribui-lhe um "augusto porte", de cujos lábios augustos" rompeu o brado de liberdade. A palavra "augusto" é rica de conotação. Augusto é um adjetivo derivado de "augur". D. Pedro I tem o porte sacerdotal de um augure, na colina do Ipiranga, anunciando bons augúrios, inaugurando uma nova pátria e, diz Casimiro, que "A semente brotou". Além disso, Augusto evoca o Imperador Romano também fundador de um império, dentro da Pax Romana, quando surge um menino providencial, talvez anunciado pela 4ª égloga de Virgílio e, diz Casimiro, que, nos anos de convulsão da Independência, o país velava à roda do berço de D. Pedro II, "do tronco feliz doce renovo", e, em seu tempo, testemunha quanto o povo o amava. A exploração dessa camada arquétipa da poesia nem de longe nos levaria a crer

que reflete, de alguma forma, a doutrina de Hegel que concebe o monarca como um verdadeiro Homem-Deus, como verdadeira encarnação da Idéia (Marx 9, p.95). Tal insinuação se desfaz inapelavelmente diante do sopro de liberalismo democrático que perpassa por esses três poemas e, sobretudo, pelo fato irretorquível que depois da Independência o povo bradou: "Portugal! Somos irmãos." (Minha Terra). Ora, sabemos que a relação entre os Estados para Hegel não é de cooperação mas de luta, "a guerra é a higiene dos povos!"

No entretanto, por ocasião da visita que faz ao Brasil o então afamado poeta satírico português, Faustino Xavier de Novais, ao lhe dar as boas vindas, no poema que lhe guarda o nome, não contém em si de satisfação, porque os vícios da corte que o indignam iriam agora receber severa lição — a sátira fazendo rir castiga os costumes. E o que deseja da sátira é que ela se ponha em defesa do povo explorado! Esse mesmo povo, que fugia amedrontado do Rio de Janeiro, vai rir e aplaudir a sua desforra. E quem, na opinião de Casimiro de Abreu, merece a crítica mordente do celebrado poeta português? Em primeiro lugar os tipos, a cidade está cheia dos eternos Maneis: barões às dúzias, como frades nos conventos, comendadores aos centos, viscondes a pontapés. Haveria aí, na indignação do poeta, um prenúncio de republicanismo pois que barões, frades, comendadores, viscondes parecem-lhe tipos de caricatura?! Em segundo lugar também os costumes da cidade não se eximem do castigo. E quais maus costumes são esses? Ele os enumera: letras falsas (letras: significa literatura ou letras comerciais?), as discussões do senado (eleito indiretamente e vitalício!), as quebras (e Casimiro tem sua vivência no comércio), os trambolhões, mascates

roubando moças e, como fundo do quadro da cidade, capital do reino, a febre amarela fazendo suas vítimas, num Rio que deveria esperar ainda pelo seu Osvaldo Cruz. Ora, toda essa corrupção não denota culpa, incompetência de todos os poderes da monarquia?

De qualquer forma o governo: Imperador, ministros, Conselho de Estado, deputados e senadores, juizes lhe merecem escassas referências, quer dizer, a política no sentido restrito quase não ocupa espaço em sua obra. Mas em todo caso, as poucas amostras, aqui apontadas, bastam para lhe evidenciar o espírito cívico.

II — CASIMIRO E O POVO

1. Dos três elementos que integram o Estado, o povo se destaca pela importância, pois, de um lado, o território se destina ao povo e, de outro lado, em nome do povo, o governo age, o que não significa que o povo abstratamente valha como fim em si, a razão última do Estado é o homem.

Desde logo convém não confundir os conceitos de povo e nação embora habitualmente se confundam os significantes. Povo é uma coisa, nação é outra.

O povo se define como um grupo aberto, congregando, indistintamente em seu seio, raças, credos, religiões, línguas, classes sociais, minorias de qualquer espécie e memo nações. Com acerto se dirá que é uma unidade na multiplicidade em virtude da lei.

Nação deriva de *natio* que se liga a uma raiz que significa nascer. Natio, em latim, originariamente se dizia de uma ninhada de animas e, depois, um conjunto de indivíduos nascidos, no mesmo

tempo e lugar, em oposição aos que vêm de fora. Realmente nação é um grupo fechado de indivíduos que possuem características peculiares e exclusivas. Independente da vontade pertencer ou não ao grupo. Do exposto se segue que nação tem um conceito mais compreensivo e menos extenso que povo. A dificuldade surge e não se dissipa quando se pretende saber quais os traços peculiares e exclusivos de um grupo. Quais seriam os traços invariantes de toda e qualquer nação? Em geral, se apela para os seguintes: raça, língua, tradição, religião . . . quer isoladamente quer em conjunto ou nas mais variadas combinações. Mas, na prática, não convencem e sofrem rudes objeções por parte de sociólogos e juristas. Assim, por exemplo, se a raça constituisse uma nação, pergunta-se, todos os germânicos formariam a mesma nação? Se a língua, então, pergunta-se, Portugal, Brasil formariam a mesma nação? A Suíça compreenderia tantas nações quantas línguas? E raças diferentes, negros e brancos que falam a mesma língua? . . . Sem negar a existência de nações, pomos em dúvida o valor dos critérios. Daí a conclusão que, afinal de contas, se trata de um critério relativo e subjetivo, acima de tudo: uma aspiração política (Jelinek 8). Até certo ponto, a nação cria o nacionalismo e o nacionalismo cria a nação. Nacionalismo pressupõe o conceito preciso de nação como grupo fechado, como do conceito preciso de povo deriva o civismo. Não se confunda igualmente nacionalismo com civismo. O civismo faz do povo um meio de realização do indivíduo, da cidadão, o nacionalismo faz da nação um fim em si. E o nacionalismo varia em função dos termos segundo os quais se formula o conceito de nação; assim resulta um canecito fraco e um conceito forte de nação. Com o romantismo, por influência das dou-

trinas de Montesquieu, de Rousseau e da lingüística histórica e comparada quando se começa a ligar língua com nação, se esboça um conceito fraco de nação que alcança, porém, toda sua força com Hegel: conceito irracional de nação a serviço da Prússia, a língua agora começa a se vincular com raça (Casimiro 6).

Mas como, na prática, convivem nação e povo entre si? Acontece, às vezes, que um povo não contém em seu seio nenhuma nação e, às vezes, contém uma ou mais nações. Se não encerra em si nenhuma nação, a rigor, deparamos com um Estado não nacional. Se, ao contrário, se divide em várias nações, o Estado se diz polinacional. Mas se acontece o caso que o Estado tenha uma só nação, então de duas uma, ou a nação é apenas uma parte do povo, ou se identifica com todo o povo, neste segundo caso, caracterizamos um autêntico Estado nacional, no primeiro caso ou a nação vive dentro do povo integrada, satisfeita, ou pretende a própria autonomia, ambiciona tornar-se um Estado, de acordo com o "princípio das nacionalidades", segundo o qual toda nação tem o direito de se tornar num estado soberano. O "princípio das nacionalidades" representa uma das mais antigas formas de nacionalismo. O conceito de nação é sempre opositivo, uma nação sempre se opõe a outra nação, seja nação que pertence a outro Estado, seja nação dentro do mesmo Estado: negros contra brancos, maometanos contra cristãos. . .

Postas essas premissas, vamos ao confronto com as idéias de Casimiro de Abreu.

2. O corpus que documenta este capítulo vem representado pelos três mesmos poemas: *Minha Terra*, *Sete de Setembro*, *A Faíwino Xavier de NovaíS e*

mas alguns outros textos de apoio. Apesar de parco o material, o autor não deixa dúvidas sobre suas posições.

E fica muito claro que não aceita o conceito de nação como grupo fechado, aliás a própria palavra nação só ocorre uma vez (*Sete de Setembro*) e mesmo assim no sentido geral de Estado.

O povo para ele é um grupo aberto. O povo brasileiro nasce com a Independência, o grito do Ipiranga serviu de certidão de nascimento de um povo que nasce sorrindo e cantando:

À roda da bandeira sacrossanta
um povo esperançoso se levanta
infante a sorrir! (*Sete de Setembro*).

Surge como realidade jurídica, formado por todos os filhos da terra que, por ocasião da Independência, se deram as mãos:

E, filhos da mesma terra,
alegres, deram-se as mãos;
(*Minha Terra*)

E unidos pela mesma bandeira marcham
pela estrada do porvir.

Muito embora filho de português, se declara brasileiro porque aqui nasceu, mas não se infira daí que só considera os filhos da terra como brasileiros, ao poeta português Faustino, em visita ao Brasil, ele lhe assegura: "se és português lá na Europa .. . Aqui serás nosso irmão!"

O conceito de povo que subentende não admite segregações, distinções, e, em sua obra poética, não muito extensa, oferece argumentos incisivos para descartar o conceito restrito de nação. E se não vejamos:

a) a *raça* não caracteriza um povo, pois que, segundo ele, um povo se define

pelo "jus soli", nunca pelo "jus sanguinis". No Prólogo da peça que escreveu, *Camões e Jau*, conquanto esclareça que Portugal seja a terra de seus avós, nem por isso conclui que Portugal seja também sua pátria: "Se brasileiro eu nasci, brasileiro hei de morrer", diz ele, no seu exílio em Portugal. E que se entende quando declara que há de morrer brasileiro. Acaso pode não morrer brasileiro? Parece que, se morre no Brasil, morre brasileiro e se morresse em Portugal, morreria português! Não só o lugar onde se nasce mas também onde se morre define a nacionalidade. De outra parte, seu romantismo não descamba no indianismo à maneira de Gonçalves Dias, não põe no indianismo, seu "instinto de nacionalidade", nada obstante, reconhece o Brasil, como uma "plaga indiana", onde ainda o índio se embala indolente naas redes de pena, não privilegia o índio, não põe fogo no futuro movimento da "Anta e Currupira". Além disso, ao mesmo tempo que se submete à convenção do romantismo europeu que deseja a cor da pele da amada branca e rosa e que figura a Poesia como "uma virgem loura", na adaptação entretanto que faz do romantismo aos trópicos, sem negar que a clara é do poeta, se convence que a morena é predileta, a rainha das belas, ardente, enquanto a clara é fria! E para completar não falta em sua ficção um espanhola: Pepita. (*Clara e Moreninha*)

b) Nem a *religião* transforma um povo em nação, pois ele indiferentemente chama, em seus versos, o Ser Supremo de Deus ou Tupá.

c) Nem muito menos a *língua*, pois que, no Prólogo de *Camões e Jau*, ele constata que, a despeito de falar a mesma língua que se fala em Portugal, ele é brasileiro porque aqui nasceu e aqui quer morrer.

d) Nem a distinção de *classe social* quebra a unidade de um povo. Recorda que o grito do Ipiranga ecoou tanto nos salões como nos lares dos pescadores, nos palácios como nas choupanas, na floresta como na cidade. Ele tem perfeita consciência da exploração que o povo sofre quando diz ao poeta Faustino que o povo o aplaudirá ao castigar com o poder de sua sátira os desmandos das altas classes. Não interfere com a nossa linha de pensamento que dê ao problema social uma solução que tem efeito de ópio, quando, no poema *Na Estrada*, descreve um pobre velho esfarrapado e o "homem de metal" que passa diante da miséria indiferente a contar gordos lucros de usura de judeus: o rico será punido nos infernos, o pobre recompensado nos céus!

Nesta altura, assiste-nos o direito de repetir que, para Casimiro, o povo se define como grupo aberto, o povo que nasceu com a Independência, sem distinção de qualquer espécie e pelo fato de não abrigar o conceito de nação como grupo fechado, como consequência, apenas vislumbramos vestígios de nacionalismo ao aceitar o "princípio das nacionalidades", que justifica plenamente a reivindicação da autonomia brasileira. Fora disso, nenhuma outra manifestação de nacionalismo. Como seu pensamento gira ao redor do povo, "Em sua poesia tudo é comum a todos" — sua obra é, na verdade, um "jardim público" — (Andrade 2, p. 527-30) — e por isso como retribuição, ele se torna o poeta que o povo mais entende e mais quer, no dizer unânime dos críticos.

A título de comprovação poderíamos, à moda da escolástica, levantar algumas objeções fictícias contra nossa própria tese:

a) Casimiro, quando desterrado em Portugal, ele confronta Portugal com o Brasil, afirmando a superioridade do Brasil. Esse antagonismo entre dois Estados não tem uma base nacionalista? Ora, acontece que o confronto não se dá ao nível da nação, mas ao nível de país, o que nele equivale a território. Casimiro, em momentos nenhum, cultiva um insconsequente anti-lusitanismo, simplesmente cuida que, com a Independência, o Brasil se tornou irmão de Portugal (Minha Terra). Nada disso, entanto, impede que se lamente, na tradição de Camões, que Portugal, velho e caduco, viva à sombra dos louros de outrora (*Prólogo de Camões e Jau*).

b) Outra objeção, no mesmo estilo, decorre do que afirma em seu poema *Minha Terra*, quando verseja:

Não, não tem, que Deus fadou-a
dentre todas — a primeira

Haveria aí uma tradução, mesmo que inconsciente da tese hegeliana de que o espírito se compraz numa nação antes que em outra, nação eleita por obra da Providência? Nada disso; o poeta apenas exalta as belezas da terra, a paisagem, os leques das palmeiras. . .

c) Enfim, quase em tom de humor, poderíamos imaginar que alguém pretendesse fazer de Casimiro um antecedente dos movimentos modernos que associam Deus, Pátria e Família. Efetivamente faz profissão de fé em Deus e, não raro, junta sintagmaticamente a expressão pátria e família. Mas se alguém levasse a sério a elocubração, a nós apenas caberia provar, como vamos fazer, que em Casimiro pátria tem sentido arcaico inconfundível e que coube à lucidez de José Veríssimo diagnosticar em Casimiro o patriota, não o nacionalista: "A pátria para Casimiro de Abreu, diz ele, não é a nação, é a terra natal. . ." (Veríssimo 12).

III — CASIMIRO E O TERRITÓRIO

1. O território é o espaço, o lugar em que vive o povo, separado do território de outros Estados, por limites convencionais, embora Hegel acredite que os limites sejam providenciais. Compreende a terra com o subsolo, o céu, a plataforma submarina, o mar vizinho. Metaforicamente é o corpo do Estado, mas não um corpo vivo, como acreditava Hegel. Para nosso propósito, convém lembrar que o território, no tempo do Império, se dividia em províncias e independente de divisões administrativas, apresenta áreas culturais típicas, regionais. E do ponto de vista, não só econômico, como literário, o território se dividia em campo e cidade.

Do território deriva o conceito de país e pátria. País é o território do Estado, em toda sua extenso e unidade. Hoje, pátria se identifica com todo o território, com o país de que é sinônimo quase perfeito, mas nem sempre foi assim e importa remontar às origens do conceito porque ele sobrevive, em Casimiro, em sua forma arquetípica. De fato, pátria, etimologicamente provém do adjetivo latino: "pátria", substantivado pela elipse da palavra terra, com o qual formava um sintagma: "terra pátria" = terra dos país, terra dos antepassados, terra que pertence aos país. Desta forma a pátria compreendia a casa com sua lareira, o pequeno campo que a circundava, era o lugar onde se nascia, se trabalhava e morria, em resumo, vinha a ser o lugar onde se tinha o berço e o túmulo (Coulanges 7, p. 303-10). Como se depreende, a pátria originariamente não coincidia com todo o território de um Estado, com o país. É com o tempo que a "pátria pequena" se torna uma "pátria grande". Da idéia de pátria, se originou, na antiguidade, o exílio. A própria etimologia de "exilium"

serve de prova. "Exilium" proviria de "ex solum", a condição de quem se encontra longe do solo pátrio, por qualquer que fosse o motivo. O fato de ser uma etimologia de fantasia não lhe tira a eficácia documental. Na interpretação das palavras, os antigos punham suas crenças. Em Casimiro, exílio guarda exatamente esse sentido primitivo de estar afastado do lar, não importando onde se esteja desterrado, em Portugal ou no Rio Grande do Sul! Da situação de exílio, deveria nascer a saudade tão bem analisada por Casimiro de Abreu; o nauta, para ele é sempre um exilado. Da separação e da lembrança do que se deixou, surge a saudade da pátria, "terra de amores". Rigorosamente da saudade vem a "nostalgia", na força de seu étimo: "algos" = dor, "nostos" = retorno, o desejo doloroso de voltar ao lugar da saudade. Ficou também patente que pátria nos primórdios implicava a conotação rural e veja, para confirmação de nosso ponto de vista, que para Casimiro, pátria é o "Campo Natal"! A pátria é o campo fechado da família. Finalmente da pátria dimana o patriotismo que era, para os antigos indo-europeus, a suprema virtude, a religião da pátria. Mas, ainda hoje, o patriotismo gira em redor da pátria enquanto terra pátria. Não se confunda pois patriotismo com nacionalismo, e civismo. O nacionalismo explora os valores da nação como grupo fechado: raça, língua, religião, tradição ... O patriotismo se volta para a pátria como território, paisagem, berço e túmulo, o lugar de felicidade; o civismo se relaciona com o povo, grupo aberto. O interesse coletivo se sobrepõe aos interesses individuais, no nacionalismo, a nação se torna fim, os indivíduos, meio; o patriotismo vê o todo sob a perspectiva da parte, do território, como país; o civismo leva seus direitos até o ponto onde come-

çam os diretos dos outros. O nacionalismo tende a centralizar tudo, nas mãos do governo, sobretudo do executivo; o patriotismo põe suas delícias no regionalismo; para o civismo todos os poderes nascem do povo e, em nome dele, se exercem. O nacionalismo tende a ser urbano, industrial, veja-se o nacionalismo futurista de Marinetti, que exalta a poluição dos grandes centros fabris; o patriotismo é sobretudo rural, ecológico, menoscaba a cidade; o civismo promove o conagraçamento de campo e cidade. O nacionalismo sofre de utilitarismo, Marinetti dá mais valor ao automóvel que à Vitória de Samotrácia; o patriotismo tem mais pendor estético; o civismo harmoniza o estético com o ético.

2. Fazem parte do corpus principal deste capítulo os seguintes poemas: *Canção do Exílio*, *Minha Terra*, *Rosa Murcha*, *No Lar*, *A Voz do Rio*, *Sete de Setembro*.

Ele vê o Brasil sob a perspectiva do território, o território é, de longe, o fator dominante, daí, porque também patriotismo vence o nacionalismo que apenas se manifesta implicitamente como "princípio das nacionalidades", pela exaltação que faz da Independência, pelo que o Brasil se tornou autônomo. O civismo, embora de passagem, se faz presente de modo incisivo. Mas o que é peculiar, ao pensamento de Casimiro, reside no fato que não se limita a conceber o território como país, como território do Estado em oposição aos outros territórios dos outros Estados; ele concebe o território também no sentido arcaico de pátria, seja como uma região, seja como o lar e seus arredores.

Assim no plano internacional equivale pátria ao país e é sobretudo em oposição a Portugal que vê a unidade do território brasileiro, como um todo.

Em 1835, quando viaja para Portugal, ao deixar as costas do Brasil, diz, no prólogo de *Camões e Jau*: "era a pátria que eu deixava, a terra onde nasci..." E em Portugal, apesar de filho e neto de portugueses, se tem na conta de estrangeiro e mais que isso desterrado, "prescrito", "exilado", exilado porque nasceu além dos mares, onde pretende morrer.

Não amo a terra do exílio,
sou bom filho
Quero a pátria, o meu país,
{*Canção do Exílio*}

E da pátria como país, ele procura retratar a paisagem (paisagem vem de país) de modo inconfundível e é, na oposição a Portugal, que ele caracteriza o Brasil como um "país majestoso", "um gigante", outrora terra de Santa Cruz, "plaga indiana", "terra de Tupá", que se estende do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará, tropical, onde avultam serranias gigantes, florestas sempre verdes, cortadas de rios, riachos, país de flores, aves, borboletas e, se evoca os nomes de algumas aves, árvores, flores... não o faz como mero nacionalismo vocabular, mas convictamente:

Vive e canta e ama esta natura
a pátria, o céu azul, o mar sereno,
(A J.J.C. Macedo-Junior)

No plano interno, nele, nem sempre a pátria coincide com o país, a pátria, mais comumente, é o berço natal, a região em que fica o berço natal, em oposição a outras regiões do próprio país.

O poema: *Voz do Rio* oferece-nos uma comprovação irretorquível do conceito de pátria como região. A Guanabara, numa prosopopéia, se dirige a alguém que parte do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul. Preste-se muita atenção ao que a Guanabara lhe diz:

— Ai! porque deixas este pátrio
[ninho
pelas friezas dos vergéis do sul?
E de forma mais candente:

Mas se forçoso t'é deixar a pátria
pelas friezas dos vergéis do sul,

Note-se bem, o Rio de Janeiro é a pátria
por oposição ao Rio Grande do Sul! E
mais, viver no Rio Grande do Sul, é
viver no exílio!

E nos meus braços — ao voltar do
[exílio —
saudando o berço que teu lábio diga:
Volvo contente para o pátrio
[ninho,.. ..

Portanto, para o poeta, ir do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul, implica em deixar a pátria, em viver no exílio, como, da mesma forma, era deixar a pátria e viver em Portugal. Nem importa que o Sul seja uma "terra irmã", como também chama Portugal de "terra irmã".

Por acaso, essa oposição entre províncias faria eco aos movimentos federalistas que marcavam a vida nacional desde o Ato Adicional de 1834?

Mas a pátria, mais essencialmente, em Casimiro, se reduz ao lar, "lar paterno", "ninho", "campo natal", a pátria em última análise, é o lugar onde tem seus amores, é o lugar da felicidade: o espaço poético.

No seu pensamento mal se distinguem a pátria como país, como região (a Guanabara) e como berço natal; ao partir para Portugal ele diz:

Deixava a terra natal,
a minha pátria tão cara,
o meu lindo Guanabara
(RoSa Murcha)

Mas, não há dúvida, o núcleo de seu pensamento de pátria, é sempre o "berço natal", "o campo natal", "seu ninho", "o céu que o viu nascer". A pátria é a "terra de amores", que no prólogo de *Camões e Jau*, ele explica quem são: meu pai, minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Neste sentido fundamental a pátria não fica na cidade, mas no campo, a cidade lhe parece digna de sátira, seu patriotismo é rural: "Por esses campos que eu amo" (*Minha Terra*). A si mesmo ele se chama "filho das montanhas", "filho das matas", sua terra é um "ninho na floresta". Ele nasceu no campo. Nada altera nossa reflexão, o fato de que o rural em Casimiro marque uma etapa entre o campo e a cidade, época imperial de chácaras e jardins (Cândido 5, p. 194-200). Rural se opõe à cidade capital. De qualquer forma, também resulta claro que o conceito de pátria é opositivo — o patriotismo opõe uma pátria a outra. Mas quando confronta as terras do Brasil com as de Portugal, ou quando confronta o Rio de Janeiro com o Rio Grande do Sul — seu canto se liberta do ódio, da inveja. Tanto Portugal, como o Rio Grande do Sul são terras irmãs, o patriotismo exalta a própria pátria sobre as outras, mas nunca, em Casimiro, se verifica a superioridade hegeliana de um território providencial sobre os outros, o confronto que o poeta faz atinge apenas o plano estético. Quando canta sua terra no poema *Minha Terra*, não pretende senão colocá-la num trono de beleza, como rainha de beleza, mas de beleza que vem das mãos da natureza. Neste nível é única, sem rival, terra encantada, um jardim de fadas, entre todas a primeira. Mas afinal de contas em que é superior às outras? Pelos leques das palmeiras, pelos cantos do sabiá! ... Por sua vez, o Rio

de Janeiro é mais belo que os vergéis do Sul que são campos que se perdem de vista. Mas no Rio, as florestas tocam o céu, as palmeiras também têm mais leques, o mar é mais manso, o céu mais azul, a lua mais doce, a brisa mais leve ... Na pátria, no Rio de Janeiro, há calor no ninho, o Rio Grande do Sul é frio. Portugal também é frio.

IV — A PÁTRIA COMO ISOTOPIA DE LEITURA

A pátria, como ele a concebe, não a identificando necessariamente com o país, unidade territorial, se impõe como chave de leitura, como utilíssima categoria crítica, como conceito dominante que estrutura toda a sua obra poética. Mas leve-se em conta **que** a estrutura que daí resulta, embora com fundamento na realidade, não passa de uma hipotetse de trabalho **que** só existe na cabeça do investigador.

No exílio, ele descobre a pátria: o lar paterno, o campo natal, o país. A primeira vez, quando no internato do colégio de Friburgo, isolado, sente saudades do lar paterno e chora, a saudade da pátria o tornou poeta (Prefácio das *Primaveras*). A segunda vez, quando passa alguns anos em Portugal, não importa qual tenha sido a razão, sente-se em terra estranha, desterrado, proscrito, exilado, a saudade o invade, lembra-se dos lugares felizes de sua infância e daí lhe vem um desejo insofrido de voltar: a nostalgia. Documenta essa fase a primeira metade do livro I^o, escrito em Portugal.

Enfim, ele volta, estava, de novo, na pátria, na pátria com que tanto sonhara, a terra de seus amores. Reencontra a pátria: a família, tudo, os sítios onde outro-

ra brincara. Vai viver com os seus! Na sua ventura, compara-se com o nauta tanto tempo afastado da pátria, os anos foram séculos, julga-se até culpado e compara-se com o filho pródigo do Evangelho que volta à casa paterna, mas volta como noivo para as festas de núpcias. Sua alma desmaia de prazer, como se tivesse chegado à "terra prometida". Corresponde a essa época a segunda metade do livro I^o, a partir do poema: *No Lar*.

Vem a seguir a fase do livro 2^o, quando volta a viver, na terra de seus amores, uma breve felicidade. Já é moço e o amor lhe transborda o peito. A mocidade é estação fogosa, cheia de crenças. Quer viver uma vida longa e bela: "amar é viver"! O amor impregna totalmente seus versos. Do ponto de vista literário não tem relevância discutir se canta amores sinceros ou não. Ele mesmo se antecipa a Fernando Pessoa que ensinuou definitivamente que o poeta é um fingidor, quando faz uma das suas amadas, Mariquinhas, acusá-lo de sempre mentir, de protestar o que não sente. (*Juramento*). E no poema *Segredos* ele justifica:

.. . segredos de amores
Não quero, não posso, não devo
[contar

Nem se enquadra, nos nossos propósitos, demonstrar, agora, nas pegadas de Mário de Andrade, em que medida sofreu do medo de amar (Andrade 3, p. 197-229).

No primeiro ato do drama de sua vida, ele é infeliz, no seu exílio em Portugal — longe do seu objeto, volta e torna-se feliz, mas é uma felicidade breve. No segundo ato, a partir do livro 3^o, ele passa da felicidade para a infelicidade, através de peripécias e reconhecimentos.

cie vermos que a vida que desejaria fosse longa se esgota e, tendo crido que lhe bastava um ano de amor, percebe que tudo já passou, a tristeza escurece-lhe a vida, sua alma é triste. Devera ser feliz pois ainda é moço, devera rir-se, voltar-se para o futuro, amar, no entanto, descobre que vai morrer cedo e que a vida lhe foge, a febre lhe queima a frente. A alma deserta de esperanças já não pode mais sonhar, todos os seus sonhos ruíram, foram sonhos lindos, os sonhos da mocidade mas passaram, como a vida. Ele sonhara o mundo como um prado, mas o vendaval dos desenganos despetalou as rosas dos seus sonhos. E não se trata de algumas folhas murchas na primavera, pois nele estranhamente a primavera convive com o inverno: "Eu sou bem moço, diz ele, e tenho cães" (*Meu Livro Negro*).

Além do reconhecimento da morte que se avizinha já lhe bafeja a aragem do túmulo, acontece-lhe algo — peripécia — que o magoou fundamente, torna-se misântropo, diz que odeia os homens (*Horas Tristes*), mas não é ódio que há na sua alma mas fel, amargura. O que lhe fizeram? Foi traído nas crenças, foi traído no amor (*A amizade*). Tudo lhe roubaram, seus cruéis tiranos: roubaram-lhe o amor, a família, a felicidade, tudo (*Última Folha*). Que é feito da pátria de seus amores? "Hoje, diz ele, na casa em que vi a luz moram estranhos..." (*A Virgem Loura*). Já não se compara mais ao nauta que volta à pátria, mas como nauta longe da pátria que julgou tão perto, é antes um naufrago sem fadnal, um nauta desanimado, não mais uma ave que volta ao ninho, mas um pombo ferido ao bater das asas... Só lhe restaria chorar a pátria perdida? O suplício que sofre se assemelha muito ao de Tântalo, mergulhado na primavera de sua terra natal e ainda, ele mesmo saindo da primavera da vida, ele mesmo saindo

peneirado na estação logosa da juventude, sente-se um desterrado, um proscrito, um exilado na própria pátria. (*Minha Alma E Triste*) (*Os Meus Sonhos*) . .

Agora vem finalmente o 3º ato, ele passa da infelicidade para a felicidade, novos reconhecimentos e peripécias. Desterrado, proscrito, exilado vem-lhe a saudade, a nostalgia — o desejo incontido de volta e ele reencontra a pátria, a pátria como berço ele a revive liricamente na recordação — ele redescobre a outra dimensão da pátria, a pátria não só é berço, mas túmulo; ele revive, no fim, o ideal que sempre acalentou de nascer brasileiro e morrer brasileiro.

Se brasileiro eu nasci
brasileiro hei de morrer
(*Minha Terra*)

Como contrasta com a aspiração de Álvares de Azevedo que declara textualmente: "Minha alma exalarei no céu da Itália!" (*Lira dos Vinte Anos*).

A morte não o separa da pátria, já não lhe importa se a pátria está no campo ou na cidade, para ele o pátrio céu já não tem estrelas vivas, nem lírios a manhã... Ao túmulo ele levará quanto amou. A morte ele a concebe poeticamente como uma virgem branca, tocada de flores murchas e, no regaço dela, vai dormir um longo sono, como num claustro de paz. Ele quer pois apenas ser enterrado no solo pátrio — ter sua cova no sertão, a campa entre mangueiras, à sombra do lar; onde teve o berço quer ter o leito. (*No Leito*)

Vai de novo sonhar à sombra dos arvoredos; no túmulo, sua alma tranqüila e pura sorrirá à eternidade.

Ao morrer, em 1860, certamente que nós também poderíamos dizer dele o que ele mesmo disse de uma criança morta: que passou do berço para brincar no céu (*No túmulo de um menino*).

TRINGALI, Dante — Casimiro de Abreu's political stand. *Rev. Let.* São Paulo, 20:9-20, 1980.

SUMMARY: This paper purports an afialysis (more immanent / than genetic, more juridical than sociological) of the projection of the State in Casimiro de Abreu's work. It is a study of national literature, national being a political'value. The object of politics is the State in its whole extension- Thus, in connection with government, he severely stigmatizes public administration in spite of tribute he pays to the royal family. He does not accept the restrict, ethnic concept of nation, accepting instead the wide concept in which nation is equal to people without discrimination of race, class, etc. Territory is the dominant element in this work. The concept of country derives from territory, the concept of exile and nostalgia derives from the concept of country. Therefore, there is no nationalism, in the strong sense of the word, in his work, but civism and, above ali, patriotism, which means that country archetypically signifies the land of the forefathers. Thus, country becomes an isotopy of reading wUich structures his only apparently bfrk. and çlamtwe work.

UNITERMS: Politics: State: Government; pisople; territory; Country; father. land; **exile**; nostalgia; love; poetry.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, Casimiro de — *Obras Completas*. São Paulo, Ed. Nacional, 1940.
2. ANDRADE, C. Drumond de — No jardim público de Casimiro. In: *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1967. (Obras Completas).
3. ANDRADE, M. de — Amor e medo. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, 1943.
4. ASSIS, J. M. Machado de — Literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: *Crítica literária*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1955.
5. CÂNDIDO, A — O Belo doce e meigo: Casimiro de Abreu. In: *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte, Itaatiaia, 1975. v. 2.
6. CASSIRER, E. — *O mito do Estado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
7. COULANGES, F. — Livro terceiro: O patriotismo. O exílio. In: *A cidade antiga*. Lisboa, Clássica, 1957. v. 1.
8. JELLINEK, G. — *Teoria general dei Estado*. México, Continental, 1959.
9. MARX, K. — *Critique de l'état hégelien*. Paris, Union Federale d'Editions, s. d.
10. PRADO, P. — Poesia Pau-Brasil. In: ANDRADE, Oswald — *Poesias reunidas de O. Andrade*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.
11. SALGADO, P. — *Inquietação espiritual na literatura brasileira*. São Paulo, Ed. das Américas, s. d.
12. VERÍSSIMO, J. — *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Garnier, 1901. v. 2.